**"Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí!": notas etnográficas sobre devolução em campo e família[[1]](#footnote-1)**

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos (DAN-UnB)

**Resumo:** Com etnografia e trabalho de campo realizados entre minhas parentes-interlocutoras de 2019 à 2022, algumas reflexões acerca de devoluções em campo começaram a emergir. Ao enviar um ensaio visual publicado sobre minha avó Anita (76 anos) para minha mãe Analice (54 anos), essa última pegou o arquivo em que estava contido o ensaio visual publicado e enviou para todas minhas tias no WhatsApp dizendo: "Olha o ensaio da Clara que saiu! Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí!". Como assim minha mãe indicava que não era preciso ler o ensaio, mas sim ver as fotografias? Por que o texto e a imagem estavam tendo impactos diferentes nessa devolução? A partir desse momento passei a considerar como as devoluções em campo que eu fazia circulavam dentro da minha família. Ao mostrar minhas publicações que vinham em forma de dissertação, artigos, ensaio visuais, vídeos e desenhos, diferentes reações eram geradas entre minhas parentes-interlocutoras. Com alguns materiais como dissertação, artigos e desenhos as reações eram poucas, quase não havia reverberação dentro da família. Já as fotografias e vídeos que foram feitos por mim inicialmente enquanto material para a pesquisa, acabaram virando também "fotos de família". As "fotos de família" que estavam dentro de publicações acadêmicas reverberavam de outras formas entre minhas parentes-interlocutoras. Funcionavam como mecanismo de gerar prestígio dentro da família, como lembranças e material para publicações pessoais em redes sociais. Nesse sentido, pretendo com o ensaio aqui posto considerar como diferentes materiais de pesquisas devolvidos em família-campo produzem diferentes efeitos na família (e na pesquisa).

**Palavras-chave**: Antropologia, Etnografia, Metodologia.

**Movimento I (tateando o campo)**

Esse relato etnográfico surge como o primeiro espaço para sistematizar questões que rondam minha cabeça há considerável tempo. O que chamei de “questões”, podem ser lidas mais precisamente como, “aspectos da devolução em campo”. Aqui relatarei parte dos processos de devolução para minhas interlocutoras dos resultados da minha pesquisa. Por outro lado, é importante sinalizar que eu pesquiso minha própria família, o que torna os contornos da devolução inesperado. Digo inesperado, mas parece que toda devolução em campo em certo sentido pode gerar processos não previstos anteriormente. Lembro-me agora do artigo de Soraya Fleischer (2015) e sua devolutiva em um centro de saúde localizado na Ceilândia-DF. A devolução pode fechar um campo, pode abrir possibilidades para pensar questões não consideradas ainda, pode simplesmente não ter efeito nenhum e não fazer sentido para o campo ou interlocutora.

Entretanto, devolver em campo incorre, no meu caso, em alguns contornos que preciso aqui exemplificar. Desde 2019 realizo pesquisa entre o que intitulo de parentes-interlocutoras. Essas, são majoritariamente mulheres da minha família materna. Principalmente minha mãe Analice (54 anos), minha avó Anita (76 anos) e minha tia avó Itamar (67 anos). Em um primeiro momento (Damásio, 2020) procurei compreender discussões que envolviam geração, curso de vida e histórias de vida dessas três parentes-interlocutoras. Agora no doutorado busco compreender como através do tempo essas relações de parentesco entre elas são espessadas e diluídas (Carsten, 2014, 2014). Apreendo também como essa família (a minha) constrói essas mesmas relações de parentesco estando em fluxo entre a “origem” (Canto do Buriti) e o “mundo” (Distrito Federal e São Paulo).

Dito isso, minhas últimas publicações foram sobre minhas parentes interlocutoras. Mas a interlocução de devolução para com minha família da pesquisa se deu com bastante ênfase antes do primeiro grande material sobre elas ser avaliado por uma banca. Me refiro aqui a minha dissertação de mestrado intitulada “Fazer-família e Fazer-antropologia” (Damásio, 2020). Apesar das assimetrias entre parentes-interlocutoras serem de outro tipo do que a clássica apresentada pela construção da ideia de uma antropóloga profissional, “A desigualdade política – entre quem descreve e quem é descrito – é parte integrante do texto” (Fonseca, 2010, p.10). Essa é uma assimetria que não desaparece com a escrita, mas creio que entre parentes elas são mais elásticas. Minha avó e tia Itamar eram analfabetas, sou eu quem descrevo e escrevo sobre elas.

Creio que elas escreviam outras versões de mim em suas lembranças, nos seus contares e dizeres, mas ao mesmo tempo nós escrevemos e reescrevemos juntas a história da família com os vários retornos ainda durante a escrita da dissertação. Elas tinham a possibilidade de afirmar se minhas análises etnográficas faziam sentido ou não. Foram muitas as vezes que ao escrever a dissertação eu lia trechos em voz alta para minha mãe ou comentava algo com tia Itamar por áudio no WhatsApp e elas afirmavam: “Não é bem assim!”, “Tá faltando um parente nessa árvore [genealógica]! Pergunta pra mãe [minha avó] quem era o tio Edgar!” ou ainda “É assim mesmo que acontece! ”.

Ao fazer esse processo de diversas idas e vinhas na escrita da dissertação eu percebia que a ideia de completude em relação as histórias que eu contava era inexistente, pois cada vez que eu contava uma mesma história elas adicionavam mais camadas, mais nuances ou modificavam algo. Por outro lado, elas afinavam análises que fazia, deixando o resultado final um pouco mais bem acabado. Afinal, era a história delas também, elas me “ajudavam” a contar, como me lembravam frequentemente. Nesse sentido, era uma etnografia composta por várias “ajudas” que entravam nas dádivas, dívidas, obrigações e direitos que eu estabelecia com minhas parentes-interlocutoras (enquanto parente e enquanto antropóloga).

Ademais, esse movimento de fazer pesquisa e escrever com-sobre-entre parentes poderia ser tomado com o que Conceição Evaristo (2006) intitulou de “escrevivência”. Conceito aqui utilizado como metodologia para estar entre parentes ao longo do campo e em seguida escrever sobre os mesmos. Em “Becos da Memória” a autora aponta para pequenos encontros com pessoas-personagens que estão em meio ao que autora intitula de “desfavelamento”. E nesse processo de entender o mundo em diálogo com o que viveu e o que imaginou é feito como se ela afirmasse que a vida, de forma inexplicável, continuava a correr como um rio em meio a todo e qualquer acontecimento.

A vida era a matéria falante que Conceição colocava a sua frente e acabava nos mostrando uma faceta amarga da existência, era sua “escrevivência”. Sua escrita advinha de tudo que a compunha como ser, como ancestralidade, como gesto de vida. Ela me ensinou, por fim, que escrever e viver são experiências indissociáveis. Assim, foi em meio a essa minha “escrevivência” que essa as devoluções entre parentes-interlocutoras atravessavam os corpos de parentes, seus cursos de vida, suas lembranças, seus e meus afetos, nossos conflitos, nossos caminhos e descaminhos. A pesquisa com parentes eclodiu como um fazer velhas-novas histórias e contá-las em conjunto. É possível colocar que quando se conta em conjunto, com diversos retornos, é possível fazer uma etnografia com mais mãos, mais polifônica.

Nas próximas seções desse ensaio busco elencar algumas devoluções que fiz para minhas parentes-interlocutoras nos últimos 4 anos. Circunscrevo a devolução a três materiais diferentes: um curta etnográfico, desenhos e fotografias. Ao final da apresentação será possível visualizar porque alguns materiais não fazem sentido (para devolução) no meu campo de pesquisa enquanto outros materiais possuem maior aderência. Como último apontamento, será possível vislumbrar porque apesar de diversos materiais visuais apresentados às minhas parentes-interlocutoras, a fotografia ganha um espaço especial no meu campo.

**Movimento II (a devolução do curta)**

Ao final do meu campo do mestrado em 2019, minha tia Itamar decidiu vir “passar um tempo” comigo e minha mãe no Distrito Federal. Assim que chegamos, decidi editar parte do material audiovisual que construí em campo e acabei fazendo um curta-metragem de 15 minutos e 9 segundos (nunca intitulei o mesmo). Minha ideia era levá-lo a um congresso em que eu iria participar enquanto expositora em um grupo de trabalho, mas antes, queria ver o que elas achavam e se autorizariam que eu divulgasse o material. Esse movimento, de certa forma, inverte algumas práticas de devolução que buscam devolver o material depois que ele estava finalizado, publicado ou divulgado. Meu processo de devolver andava junto com o processo de fazer e só depois de passar por elas, o material em questão era levado para o “mundo”.

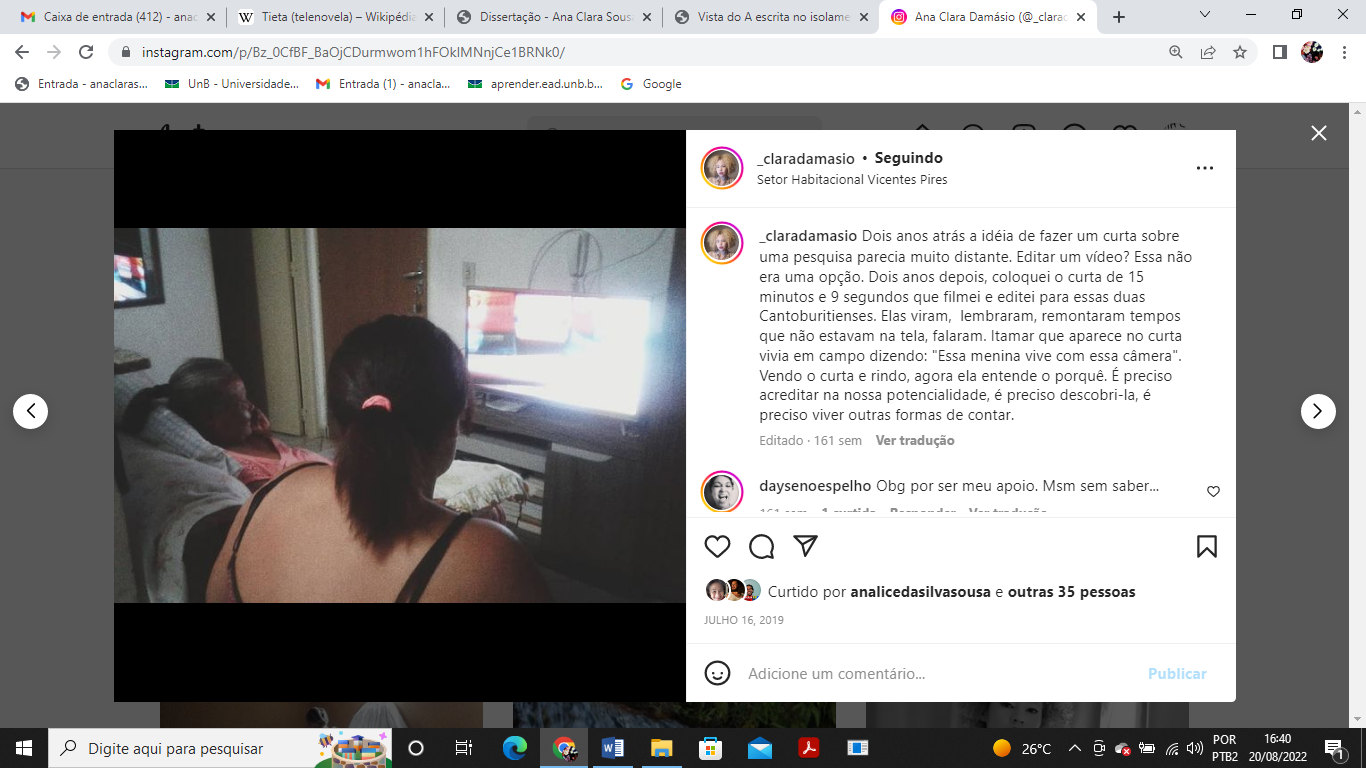
 Na sala de uma quitinete em Vicente Pires-DF, no dia 19 de agosto de 2019, coloquei minha mãe e tia Itamar sentadas no único sofá da casa e de frente para uma TV que ficava em cima de um móvel de madeira retangular. Era noite, por volta das 19:00hrs, havíamos acabado de jantar e já estávamos de pijama. Antes de passar o curta avisei do que se tratava o material. Informei que eu havia gravado as imagens para a pesquisa do mestrado e que, com a aprovação delas, eu poderia levar aos congressos que eu iria participar nos anos seguintes. Dei play no curta e elas começaram a vislumbrar o que ocorria. A protagonista do curta era tia Itamar, sua casa e seu cotidiano na “origem”. Ela sorria e no meio da exibição exclamou: “Então é isso que essa menina ficava fazendo com aquela câmera na mão o dia todo!”. Ela e minha mãe caíram na gargalhada. “Olha a Nita (minha avó)!”, dizia Itamar.

Foto 1: Tia Itamar e minha mãe. Distrito Federal. 2019. Foto da minha autoria.

As cenas do vídeo eram essenciais para minha pesquisa. Contavam sobre a volta da minha tia Itamar para Canto do Buriti depois de mais de 40 anos trabalhando como empregada doméstica em São Paulo. Falava da volta “triunfal” dela que, como Tieta[[2]](#footnote-2), fora expulsa da sua cidade natal. Tia Itamar voltou e construiu a maior e mais “moderna” casa da rua. O vídeo mostrava sua cozinha, suas panelas, suas fotografias, suas andanças pela cidade. Após a exposição do vídeo tanto minha mãe quanto minha tia Itamar começaram a elogiar o vídeo e falaram que me autorizavam mostrá-lo em diferentes lugares em prol da minha pesquisa. Mas aconteceu algo mais interessante, tia Itamar me pediu para que eu enviasse o curta para o WhatsApp dela. No mesmo instante lembrei que quando eu estava fazendo campo na casa dela, ela solicitou que eu gravasse um vídeo de toda a casa dela, pois gostaria de compartilhar com suas amigas “que ficaram em São Paulo”.

Vez ou outra tia Itamar me mandava vídeos de “bom dia” e orações no meu WhatsApp. O vídeo se insere também em um contexto anterior as redes sociais, a televisão. Que em muitos contextos é a companheira de casa que espanta o silencio ao longo do dia. Seja nas redes sociais ou com a televisão, a circulação de vídeos e fotografias dentro da família era algo cotidiano, ainda mais quando estávamos falando com pessoas não letradas, como o caso da minha tia. O audiovisual não passava pelas palavras escritas e essa última seria uma barreira para comunicação. Por isso o material audiovisual era bem recebido. No começo do campo de 2019 em Canto do Buriti escrevi uma mensagem no aplicativo WhatsApp para Itamar perguntando a que horas eu poderia visitá-la. Tia Itamar então me respondeu por áudio no WhatsApp:

Oi Clara, bom dia! Tá tudo bem ai? Tá tudo em paz? Aqui comigo tá tudo bem. Seja bem-vinda! E quando você mandar (mensagem escrita), você manda áudio. Tá bom, minha linda? Manda áudio. Eu sei que pra você acha que todo mundo sabe ler, mas aí você manda áudio. Tá bom? Fica com Deus. Tchau! Tchau! (Diário de campo. Março de 2019).

A sensação de quando eu ouvi esse áudio foi de extremo desconforto. Não queria ter deixado minha tia constrangida por ela não saber ler, ao mesmo tempo em que ela me informava que eu inferia que todos e todas que eu conhecia eram alfabetizados. Eu inferia que todos sabiam ler? Ela não estava errada... E essa constatação me deixou mais embaraçada ainda. A troca de números e, principalmente WhatsApp, era bastante comum em Canto do Buriti. Quando cheguei troquei o número do telefone com minha tia e mais para dentro do campo com muitas outras mulheres.

No espaço acadêmico onde a escrita é a forma mais comum de comunicação (e-mails, monografias, dissertações, apresentações, slides), minha tia me mostrou que era hora de rever meu posicionamento e entender que nem todo mundo tinha acesso a essa forma de comunicação escrita. Isso revelava mais um posicionamento em relação a minha família e as devoluções possíveis naquele contexto. Nesse momento do campo eu ainda estava me familiarizando com tia Itamar e sequer fazia ideia que ela não sabia ler. Não por acaso, com o fim do campo, a primeira devolução veio em forma de curta. O audiovisual fazia sentido, era acessível, dialogava diretamente com tia Itamar e ainda virava um material que iria circular em suas redes sociais (e criar outros significados, outros sentidos, outras formas de uso).

**Movimento III (a devolução do desenho)**

 O desenho se insere no meu campo de uma forma inesperada, pois comecei a desenhar depois do campo e enquanto escrevia minha dissertação. Como já sinalizei em outro espaço, desenhar virou o caminho pelo qual eu dava vazão à experiência de pensar antropologicamente o processo de tentar escrever e fazer um texto. Em muitos dias, o desenho era a única maneira possível de expressar antropologicamente o que eu queria escrever. Ao mesmo tempo, o desenho transbordava e ganhava vida para além das palavras. Não por acaso o título desse ensaio desenhado era: “A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia” (Damásio, 2021).

Desenho 1: Desenho publicado (Damásio, 2021).

Entretanto, no meu contexto de pesquisa, eu não fazia desenhos realistas. Meus desenhos poderiam ser chamados de “abstratos”. Isso trouxe questões específicas para a devolução dos desenhos entre minhas parentes-interlocutoras. Ao mostrar um dos meus ensaios desenhados publicados, recebi a seguinte reação por parte da minha mãe: “Hum. Legal. Ficou bonito”. Em outros momentos apresentei outros desenhos que fiz ou publiquei para elas sobre o campo, mas os comentários eram sempre genéricos e voltados para expressões como a seguinte: “Que bacana!”. Eram sempre expressões esvaziadas ou com um sentido muito específico, como veremos. Um dia perguntei o que minha mãe achava dos desenhos sobre o campo entre elas que eu fazia e ela me respondeu: “É bacana, né! Mais uma publicação! Mas eu não entendo muito essas coisas”. Essas coisas eram os desenhos.

No lugar de ficar chateada pela não aderência dos meus desenhos em campo com minhas parentes-interlocutoras, coloquei essa não aderência em uma caixa relacional. Se comparado com o curta-metragem, os desenhos que eu fazia estavam na caixa dos materiais não compreensíveis. O curta, por sua vez, era um material que não apenas tinha aderência, como também passava a circular em outros âmbitos para a o além da pesquisa. O desenho, por sua vez, nem mesmo entrava nas trocas internas entre minhas parentes interlocutoras. Não era enviado de uma para outra no WhatsApp.

Mas é importante considerar o chamado que tia Itamar me deu quando lhe enviei um texto escrito no WhatsApp em que ela me dizia que nem todo mundo sabia ler (palavras). Era preciso levar em conta que nem todo mundo considerava o desenho uma ferramenta de comunicação adequada ou com sentido na/para própria vida. Assim como tia Itamar não entendia as letras, minha mãe não entendia os desenhos. Os não entendimentos eram de materiais diferentes, mas me mostravam que alguns materiais de pesquisa não repercutem no campo. Mas havia um material que reverberava, e reverberava muito mais que o vídeo e o desenho (e para todas minhas parentes-interlocutoras). Vamos às fotografias.

**Movimento IV (a devolução das fotografias)**

Era julho de 2020 e eu estava no Distrito Federal com minha mãe. Minha tia Itamar já havia voltado para Canto do Buriti. Meses antes eu havia submetido um ensaio visual sobre minha avó para uma revista. Antes da publicação eu o havia mostrado para minha mãe e minha avó. Assim que saiu a publicação ensaio visual, mostrei para minha mãe. O título do trabalho era: “Entre parentes e lembranças, considerações etnográficas sobre o tomar de conta em meio ao curso de vida em Canto do Buriti-PI” (Damásio, 2020). Chamei minha mãe e li a apresentação do ensaio visual, que é a seguinte:

“Para elaborar a dissertação de mestrado, fiz pesquisa de campo no primeiro semestre de 2019, durante três meses, em Canto do Buriti-PI. A pesquisa tinha como objetivo compreender as concepções de velhice e os agenciamentos necessários para o cuidado com o corpo velho. Lá, as mulheres de idade com quem convivi, minhas parentes, usavam as lembranças e o lembrar como mecanismos para ordenar um mundo que não era dominado pela escrita, mas sim pela oralidade. As lembranças são uma forma de evocar tempos e experiências vividas. Lembranças escapam, portanto, é preciso contá-las repetidas vezes como forma de não esquecer o costume de Canto do Buriti. Como denomina Nathan Virgílio (2018), as lembranças surgem da necessidade de organizar acontecimentos vividos e que só são contados por que de alguma forma marcou o corpo que conta. A rigor (BOSI. 1994), não há como ignorar o tratamento da memória como fenômeno social, pois as lembranças que emergem de um indivíduo estão demarcadas por todo um contexto relacional e localizado com “a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (p. 17). Assim, as fotografias acionam um contexto em que se pode acompanhar, através da minha narrativa imagética, um imbróglio que mobiliza imagens e concepções sobre velhice, higiene, autonomia, individualidade e as disputas sobre o controle do sujeito velho através das estórias de vida da minha avó. Como aponta Suely Kofes (1994), as estórias de vida podem ser consideradas “interpretações individuais de experiências sociais”. Nesse contexto, a narrativa é de uma mulher que após “cair para a idade”, ficou dependente do “tomar de conta” das filhas que estavam no mundo (São Paulo e Brasília), tendo então que largar suas origens e adentrar esse mundo. Dessa forma, episódios como esses apontavam os interstícios, as fragilidades e vulnerabilidades das possibilidades de autonomia da pessoa idosa. As fotografias foram produzidas com Câmera Canon –EOS T6i com lente Canon EF-S 18-55mm e os ajustes de cor, saturação e brilho foram realizados com o editor para fotografias Photoshop”.

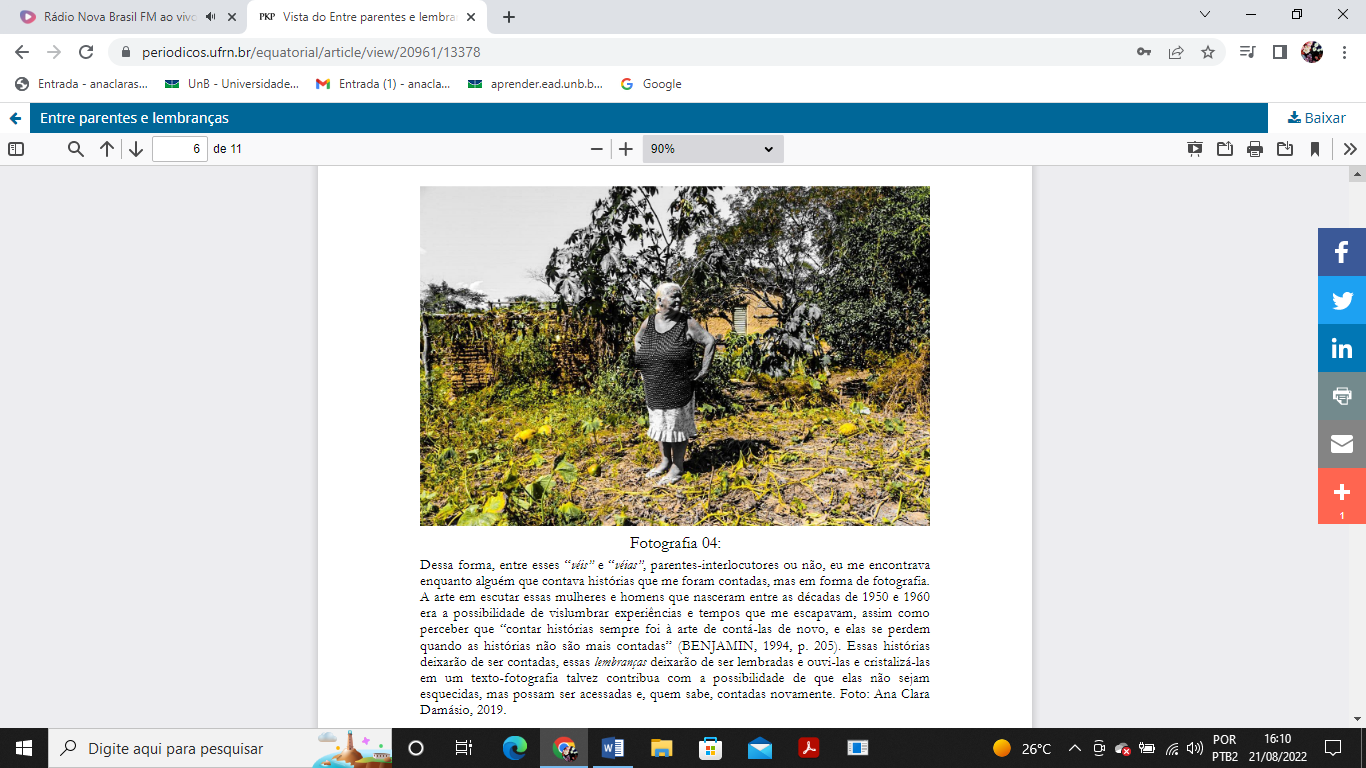
 Após a leitura, fiquei muito empolgada com a publicação da peça e me perguntando como ela seria recebida pelas minhas parentes-interlocutoras. Mostrei então algumas das fotos que estavam no ensaio para minha mãe. Segue abaixo duas fotos que estavam no ensaio para exemplificar:

Figura 2: Ensaio Visual Publicado (Damásio, 2019).



Figura 3: Ensaio Visual Publicado (Damásio, 2019).

Assim que minha mãe viu as fotografias ela espontaneamente solicitou que eu enviasse o ensaio visual para o WhatsApp dela. No momento não entendi bem porquê, mas encaminhei um arquivo em PDF para o celular dela. Pouco depois ela gravou um áudio em que dizia: “Rai! Tudo bem? Olha aí o que tô te mandando! É uma publicação da Clara sobre mãe! Tem um monte de foto de mãe! Manda pra Alaide!”. Minha mãe encerrou o áudio e começou a gravar outro. Dessa vez era para tia Itamar: “Itamar! Como tá? Acabou de sair uma publicação da Clara sobre mãe! Nem precisa ler o que tá escrito não, mas olha as fotos de mãe aí! Bom para calar a boca daquele povo linguarudo”.

Em um primeiro momento fiquei espantada com o fato da minha mãe dizer que “o que tá escrito” não era importante, mas as fotografias que estavam dentro da publicação sim. Ao mesmo tempo eu percebia outros movimentos. Minha mãe enviou a publicação para sua irmã (Rai) em São Paulo e para Itamar (sua tia) em Canto do Buriti. Ela sabia que Itamar não sabia ler palavras, mas sabia ver e ler imagens. Isso era importante. Ao mesmo tempo, ela mandou a publicação para Rai, a única dos 7 filhos da minha avó com curso superior. Ela ainda solicitou que Rai enviasse para Alaide (irmã da minha mãe e da tia Rai), que era a mais velha das irmãs. Outro componente também entra na equação, mais especificamente quando ela diz: “Bom para calar a boca daquele povo linguarudo”.

O povo ao qual ela se referia eram suas primas (da minha mãe Ana, tia Alaide e tia Rai) que estavam em Canto do Buriti e que falaram que minha avó estava “largada” em Brasília (DF). Quando uma prima da minha mãe disse isso lá em Canto do Buriti, foi encarado por minha mãe, tias e por toda família materna (que estava do Distrito Federal e em São Paulo) como uma ofensa da ordem moral. Esse fato fez com que minha mãe e minhas tias ficassem considerável tempo sem falar com essa prima paterna. A publicação do ensaio entrava em um novo circuito e lógica, era utilizado como mecanismo de criar prestígio dentro da família. O ensaio visual mostrava como minha avó estava sendo acompanhada e estava “famosa”, como disse tia Itamar ao comentar o ensaio visual que recebeu em seu WhatsApp. Logo que minha mãe terminou de ouvir o áudio da tia Itamar, me perguntou quando eu iria publicar um ensaio sobre Itamar, pois essa última já havia lhe perguntado. Isso adicionava mais uma camada, mas agora atrelada as minhas relações de parentesco. Era espero que eu devolvesse a tia Itamar um ensaio sobre ela e não apenas sobre minha avó, afinal de contas ela também havia sido minha interlocutora e era minha parente. Eu estava sendo cobrada duplamente, como antropóloga e parente.

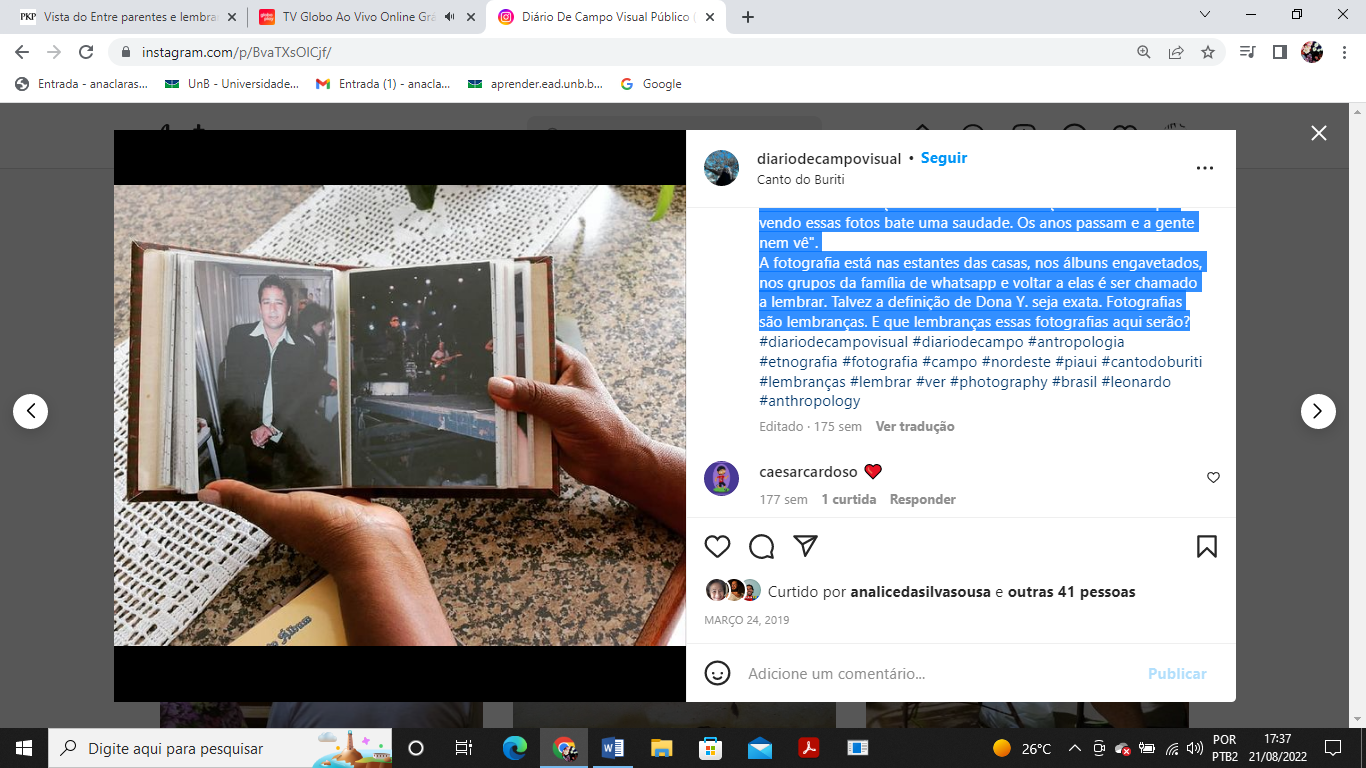
 A fotografia tinha uma aderência maior enquanto produto de devolução em campo e isso não era por acaso. Todas as casas das minhas parentes-interlocutoras possuem álbuns de fotografias “de família”. Quando estava em Canto do Buriti em 2019 tive acesso aos álbuns da minha avó Anita. Já em junho de 2019 fui convidada para almoçar na casa da tia Itamar e pós o almoço ela me chamou para ver suas fotografias. Ela entrou em seu quarto e trouxe todos os álbuns que estavam em uma gaveta. Vimos juntas fotografia por fotografia. Ela me contou quem eram as pessoas que iam aparecendo, os momentos em que as fotografias foram tiradas, quem tirou cada uma delas. "Nessa época eu ainda usava calça jeans", "Olha como eu era mais magra", "Essa foi em um ano novo", "Eu como sempre envolta das panelas". Em um momento da nossa visita às fotografias ela disse: "Pra mim as fotos são lembranças. Só ficam as lembranças. Tem horas que vendo essas fotos bate uma saudade. Os anos passam e a gente nem vê.”. Mas as fotografias ajudavam a ler, ajudavam a lembrar e a contar.

Foto 4: Tia Itamar e o álbum. Canto do Buriti, 2019. Foto da minha autoria.

As fotografias já estavam em campo e na vida das minhas parentes-interlocutoras muito antes da minha pesquisa (ou do meu nascimento). Ao longo do campo eu tirava fotografias delas e era acionada para que enviasse as mesmas por WhatsApp. Durante minha última ida a Canto do Buriti, dezembro de 2021, fui acionada para fotografar comidas, saídas ao centro da cidade, nosso cotidiano ali na “origem”. A fotografia estava lá como uma forma de comunicar sobre a vida em família, mas principalmente dos momentos felizes e de união. Elas figurariam posteriormente não apenas como “lembranças”, como disse tia Itamar, mas como boas lembranças em família. Ao mesmo tempo que serviriam de material para minha pesquisa. Ao olhar para as relações de parentesco era possível apreender o porquê da fotografia ser o material de devolução mais eficaz nesse campo.

**Movimento VI (apontamentos preliminares inconclusivos)**

Esse relato etnográfico teve como intenção fazer um primeiro movimento de sistematização dos diferentes materiais que devolvi ao longo dos meus últimos anos em campo para minhas parentes-interlocutoras. Considero necessário ponderar como fazer uma etnografia em casa (Damásio, 2021) fazia com que muitas devoluções não viessem apenas em forma de publicações prontas. Mas fazia da própria devolução um processo que antecedia a publicação e era parte constituinte da pesquisa e das análises que eu faria posteriormente (nas publicações).

Ao mesmo tempo, muito do que eu fazia em campo não era entendido por minhas parentes como “precisamos colaborar com uma antropóloga nessa pesquisa”. Minhas relações de parentesco convertiam meu papel e trocas em campo muito mais nos termos do “estamos ajudando a Clarinha!”. Ajudar a Clarinha era ajudar uma parente a fazer coisas no mundo. Era também corroborar com nossas trocas de parentesco que se espraiavam ao longo do tempo (muito antes da pesquisa e para além dela).

Creio que esse é um aspecto relevante também para que eu perceba como as minhas devoluções em campo contribuem para estreitar as relações com minhas parentes. Fazia também com que eu tivesse um papel ativo em procurar devolver o que pesquisei e ponderar os feitos disso ao longo do tempo. Um dos efeitos não previstos, foi perceber como um tipo de material devolvido tinha muito mais aderência (fotografia e curta) do que outros (desenho). Ademais, contribuía para com que minhas devoluções tivessem efeitos inesperados e sofríveis. Explico-me.

Minha última devolução foi em agosto de 2022 de um artigo publicado enquanto minha mãe e minha avó estavam em Canto do Buriti e eu aqui no Distrito Federal. Essa foi a primeira peça que não passou por nenhum tipo de devolução antes da sua publicação. A peça está intitulada enquanto: “O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?” (Damásio, 2022). A peça tinha a intenção de proporcionar uma descrição, análise e compreender etnograficamente como, a partir de duas parentes-interlocutoras, minha mãe Analice (54 anos) e minha avó Anita (75 anos), eu conseguia desenhar, pesar e mensurar os caminhos do parentesco que se enredam aos caminhos do gênero e da geração, para então compreender a inescusabilidade do parentesco contemporaneamente. Quando a peça foi publicada, minha mãe e minha avó já haviam voltado para Brasília para morar comigo.

Eu então, em mais um movimento de devolução, li todo o artigo para minha mãe. Enquanto eu lia, explicava da forma mais compreensível os trechos mais teóricos e focava no relato etnográfico que tinha como ponto de partida a história de vida dela. Ao longo da leitura ela ia concordando com o que eu ia lendo, com as análises que fui fazendo, mas no fim da leitura ela me colocou uma questão: “É isso aí... mas um dia você me fez uma pergunta que até hoje não sei responder pra mim mesma. Tu disse que eu fiz muito por você, pelo seu pai, pela sua avó, mas e por mim? O que eu fiz por mim?”.

Eu não me lembrava de ter feito tal pergunta para minha mãe e não sei em que condição a fiz, como parente ou antropóloga. Ou como as duas, já que para mim essa questão posta se aproxima desses dois papeis sociais desempenhado por mim e que se misturam, mas só se separavam para níveis analíticos. Entretanto, havia uma dimensão que não eu tinha me dado conta antes dessa devolução específica. As constantes devoluções que faço em campo geram questões para minhas parentes, faz com que elas revejam o próprio curso de vida, se coloquem questões que talvez nunca sejam respondidas, me colocam questões que talvez eu nunca consiga responder... A devolução tem o poder de transformar efetivamente a vida das nossas interlocutoras (e parentes no meu caso). E pensar como cada material media isso, contribui também para ponderar o poder social de transformação da antropologia no mundo.

**Referências Bibliográficas**

CARSTEN, Janet. A matéria do parentesco. R@U, 6 (2), jul./dez : 103-118. 2014.

CARSTEN, Janet. Entrevista com Janet Carsten. R@U, 6 (2), jul./dez : 147-159. 2014.

DAMÁSIO, Ana Clara. A escrita no isolamento: quando o desenho vira parte constituinte da etnografia. Proa: Revista de Antropologia e Arte, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 373–384, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/proa/article/view/16665>.

DAMÁSIO, Ana Clara. Entre parentes e lembranças: considerações etnográficas sobre o tomar de conta em meio ao curso de vida em Canto do Buriti-PI. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, *[S. l.]*, v. 7, n. 13, p. 1–11, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n13ID20961. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/20961.

DAMÁSIO, Ana Clara. Etnografia em Casa: entre parentes e aproximações. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, *[S. l.]*, v. 16, n. 2, p. 1–32, 2021

DAMASIO, Ana Clara. Fazer-Família e Fazer-Antropologia uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

DAMÁSIO, Ana Clara. O caminho do parentesco ou o parentesco como situação inescusável?. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, *[S. l.]*, v. 9, n. 17, p. 1–13, 2022. DOI: 10.21680/2446-5674.2022v9n17ID27915. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/27915. Acesso em: 23 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

FLEISCHER, SORAYA. Autoria, subjetividade e poder: devolução de dados em um centro de saúde na Guariroba (Ceilândia/DF). Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2015, v. 20, n. 9 [Acessado 23 Agosto 2022]. pp. 2649-2658. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.03312015>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015209.03312015>.

FONSECA, Cláudia. SCHUCH; VIEIRA e PETERS (org.). Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo. Porto Alegre: Ed. da UFRGS. p. 205-227. 2010.

1. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. [↑](#footnote-ref-1)
2. Tieta é uma telenovela brasileira produzida pela TV Globo e exibida de 14 de agosto de 1989 a 31 de março de 1990, em 196 capítulos. É livremente inspirada no romance Tieta do Agreste, de Jorge Amado. A história se passa na fictícia cidade de Santana do Agreste, localizada na região nordeste do Brasil, próxima de Aracaju e Salvador. Tieta é expulsa pelo pai, Zé Esteves, irritado com o comportamento liberal da jovem e influenciado pelas intrigas de sua outra filha, Perpétua. Humilhada, Tieta segue para São Paulo. Vinte e cinco anos depois, Tieta reaparece, rica e exuberante, decidida a se vingar da família e das pessoas que a maltrataram. [↑](#footnote-ref-2)